

UM PÉ AZUL: DIVERSIDADES, INCERTEZAS E ARTE - CONTRIBUIÇÕES DO PIBID DE ARTES VISUAIS NA FORMAÇÃO DOCENTE EM DIÁLOGOS COM A 32ª BIENAL DE ARTES DE SÃO PAULO

Rodrigo Martins de Medeiros¹
rodrigo.martins.demedeiros@gmail.com

Marcos Antonio dos Santos²
martoso2018@gmail.com

Aurélia Regina de Souza Honorato³
arh@unesb.net

RESUMO

Esta escrita irá relatar como a arte e a ludicidade podem se tornar uma conexão entre uma situação incerta e um rumo a ser seguido, no que tange à educação especial, se apropriando do debate da trigésima segunda bienal de São Paulo, com o tema “incerteza viva”. A arte sempre lidou com a incerteza, seja com a apreensão quanto a verossimilhança da obra com o objeto real, seja com temas que pretendem despertar o senso crítico. Sendo assim, temos aqui além de um desafio, também um campo de amplas possibilidades de explorar as potencialidades do ensino da arte, já que esta tem a propriedade de transcender o racional, de pular etapas do pensamento e, partindo de uma base subjetiva, atingir o campo objetivo.

Palavras chave: Arte-Educação; Artes; Bienal; Incerteza.

1. INTRODUÇÃO

Invocando as incertezas inerentes aos processos artísticos e relacionando-os com possíveis tomadas de decisões, Volz diz que “para enfrentar objetivamente as grandes questões do nosso tempo [...] talvez seja necessário desvincular a incerteza do medo” (2016, p.8). Este conceito adquire forma através da experiência da apresentação de um teatro de marionetes intitulado Frederica: A galinha do pé azul, na Associação dos Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) da cidade de Nova Veneza, Santa Catarina. Em um cenário onde é necessário não só o cuidado, mas também o ato de ensino direcionado a pessoas com

¹ Bolsista do Programa de Bolsa de Iniciação a Docência – PIBID, Subprojeto de Artes Visuais. Unidade Acadêmica de Humanidades, Ciências e Educação, Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, Brasil.

² Professor supervisor do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência – PIBID, Subprojeto de Artes Visuais. Unidade Acadêmica de Humanidades, Ciências e Educação, Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, Brasil. Colaborador na revisão textual, seleção e organização das imagens da presente escrita.

³ Coordenadora de área do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência – PIBID, Subprojeto de Artes Visuais. Unidade Acadêmica de Humanidades, Ciências e Educação, Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, Brasil. Orientadora da presente escrita.

necessidades especiais, vem à tona o desafio: como, através da arte, ultrapassar barreiras cognitivas e propiciar aos alunos com necessidades especiais um processo de aprendizagem adequado? Ao longo do processo além de um trabalho de autoestima para com os estudantes da APAE, também foi possível notar que alunos de outras escolas, que participaram da apresentação e que não eram portadores de deficiência, passaram a refletir sobre as diferenças que cada ser humano possui.



Imagem 1: muro performático do artista Ernesto Ferro em sua casa Fonte: <https://sobrepedagogiaearte.wordpress.com/2014/10/09/capa-do-blog-o-muro-performatico-de-ernesto-ferro/>

2. CAMINHOS DA FORMAÇÃO DOCENTE

Ensinar a ensinar: eis um desafio que gera uma série de incertezas. Nas licenciaturas, temos as disciplinas de metodologia, que procuram preparar os futuros professores para situações que irão encontrar no dia a dia em sala de aula. Nessas disciplinas os acadêmicos são estimulados a pensar no próprio caminho: porque escolher a educação? Seriam lembranças das experiências que tiveram enquanto alunos? Como tais experiências compõe a base para a reflexão e formação no presente? Aos futuros professores também se chama a atenção quanto aos processos avaliativos e todas as considerações inerentes a este, como o fato de que a avaliação deve ser processual e esclarecida ao aluno. Para Ferraz e Fusari, métodos de ensino e aprendizagem em arte são “caminhos educativos a serem percorridos durante o curso com os alunos” (1993, p. 147) visto que não há um caminho único, mas sim diversos pontos que se ligam, e entre estes pontos o futuro docente tem de encontrar os lugares que lhe auxiliarão na criação do seu sentido.

Quanto ao conceito de professor ainda na visão de Ferraz e Fusari, professor de Artes é aquele profissional “situado em um contexto sociocultural e sujeito responsável pelo

processo prático e teórico da educação escolar em arte” (1993, p.146). Elegi o rizoma como a imagem que melhor traduz as escolhas e conexões no percurso da docência, os conceitos, atribuições e atores implicados direta e indiretamente no processo ensino aprendizagem.

Outra questão frequentemente abordada na docência é o currículo. Documento que irá ditar o essencial que o estudante tem direito a aprender. Logo, é necessária uma abordagem crítica por parte do licenciando quanto a este assunto, já que enquanto território estratégico da educação, diversas parcelas da sociedade buscam ocupar espaços de influência quanto aos conteúdos abordados, o que pode se tornar prejudicial caso não se tenha uma visão ampla. Da importância de um currículo ‘vivo’, operante, significativo, destaca Silva que o mesmo “tem significados que vão muito além daqueles aos quais as teorias tradicionais nos confinaram. O currículo é lugar, espaço, território. O currículo é relação de poder. O currículo é trajetória, viagem, percurso”. (TADEU *Apud* SILVA, 2004, p. 150.)

Faz-se necessário também que o acadêmico de licenciatura tenha, de fato, experiências que o façam se aproximar efetivamente das rotinas da sala de aula, das escolas e seus regimentos, além de fazê-lo compreender a infinita rede de acontecimentos que, na maioria das vezes, embora contemplados durante as disciplinas de Metodologia (ainda que de forma menos enfática), se mostrarão de forma diferente na convivência diária entre professor e aluno no cotidiano escolar. Diversas profissões promovem a integração das instituições profissionais com as educativas para melhor preparar seu aluno, e na Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC, o aprendiz de professor tem a oportunidade de aproximar-se do cotidiano escolar ao participar no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID. E as experiências e reflexões descritas na sequência referem-se ao subprojeto de Artes Visuais na atuação em diversos níveis de ensino de escolas da rede municipal de ensino de Criciúma/SC.

Na dinâmica de funcionamento do PIBID, subprojeto de Artes Visuais, o acadêmico cumpre oito horas semanais, sendo quatro horas em atividades supervisionadas por um(a) docente nas escolas e outras quatro horas em reuniões com a coordenadora de área e demais integrantes do grupo na Universidade, a fim de debater e compartilhar experiências, conhecimentos adquiridos e organizar futuras intervenções nas escolas de atuação. Montandon nos apresenta uma síntese do Programa, que objetiva “inserir estudantes de cursos de licenciatura plena em atividades pedagógicas em escolas públicas do ensino básico, aprimorando sua formação e contribuindo para a melhoria da qualidade do ensino nessas escolas(...) implementando metodologias inovadoras” (2012, p. 52).

No ambiente escolar, fez-se perceptível que cada experiência, cada instante abriu um leque enorme de aprendizados de forma contínua e crescente. A figura do professor supervisor, que acompanhou e orientou os acadêmicos em ações nas escolas, tornou-se uma referência para os mesmos. Elencar, selecionar, organizar, escolher metodologias, recursos e refletir/avaliar foram ações constantes. Constatar que atividades antes reservadas ao campo teórico-abstrato foram aplicadas, desenvolvidas e as reações, envolvimento e o retorno dos estudantes das escolas forneceram parâmetros para avaliar aprendizagens, ganhos e avanços no desenvolvimento das crianças.

Participar do PIBID se torna assim uma experiência rica para o estudante de licenciatura, ao congrega a teoria e prática, ação/aproximação necessária na construção do sentido do que se aprende. Em sua obra *Pedagogia da Autonomia*, Paulo Freire (1996) estabelece que:

“Trabalhar os conteúdos no quadro da rigurosidade do pensar certo” é incompatível com a máxima popular do faça como eu mando e não o que eu faço. E que a docência verdadeiramente implicada na dinâmica do “pensar certo” é para aqueles(as) que não se conformam a uma práxis pedagógica na qual “as palavras a que falta a corporeidade do exemplo pouco ou quase nada valem. Pensar certo é fazer certo.” (FREIRE, 1996, p.24)

Em um país que historicamente demonstra um quadro de desvalorização do professor e do conhecimento, programas como o PIBID podem contribuir de modo efetivo na melhoria da formação da classe docente. Constituindo-se um fator fundamental na evolução e elevação na qualidade da educação como um todo. Entender e saber conviver com as diferenças é um dos pilares para uma educação pluralista, que prepare o indivíduo para a cidadania. Sendo assim não se pode deixar de pensar nestes conceitos ao se pensar a educação básica com um todo. A proposta Curricular de Santa Catarina (2014) enfatiza esta concepção apontando para a Educação Básica como um direito inalienável e que necessita de outras duas dimensões para efetivar-se:

(...) a ideia de uma educação comum e a ideia do respeito à diferença. O conceito de comum se associa à noção de universal, coadunando com a perspectiva dos aprendizados de saberes válidos para toda e qualquer pessoa, na esteira da noção de patrimônio cultural que merece ser compartilhado (SANTA CATARINA, 2014, p.53).

Imagem/painel4: mostra de produções dos estudantes em escola de atuação.



Fonte: Arquivo dos pesquisadores.

O PIBID também descortina oportunidades para o licenciando entrar em contato com o pluralismo cultural *nas* e *das* comunidades escolares. E também conhecer melhor as microvariações que cada ser humano apresenta em seu comportamento, como em relação a gênero, posicionamento político ou mesmo em relação à cultura. Essas experiências são oportunizadas pelas saídas a campo do projeto, que são realizadas em diversas regiões da cidade de Criciúma/SC, que se caracteriza por uma diversidade étnica na sua formação. É habitual que se modifiquem vários aspectos de localidade para localidade, o que leva o bolsista do PIBID a fortalecer o vínculo com a experiência e reforçar a premissa de elaborar as ações do subprojeto com base no perfil heterogêneo dos grupos de estudantes.

Outro aspecto muito importante para o êxito das ações em uma escola é o comprometimento da gestão com o projeto. Em sua maior parte os diretores apoiam e elogiam a atuação dos pibidianos⁴ ao perceber que há uma significativa melhora no interesse e aprendizado dos alunos. Levando-se em conta aspectos como super lotação em salas, a discrepância idade-série, e os desafios inerentes ao ensino, torna-se produtivo o apoio especializado ao professor(a). Em todos estes momentos, desafios e situações, vai se cristalizando no bolsista do PIBID a aprendizagem da dinâmica de funcionamento da escola e acontece um vislumbre do que lhe espera na carreira docente.

⁴ Termo como são conhecidos os bolsistas de iniciação à docência nos espaços educativos em que se inserem.

Imagem 5: bolsistas do PIBID, estudantes/atores da Escola Ubaldina e coordenação na APAE de Nova Veneza na apresentação.



Fonte: Arquivo dos pesquisadores.

O pibidiano é, na verdade, um aprendiz. Ele congrega nestas atuações todo o conhecimento que teve ou terá na Universidade e na sua relação com o professor supervisor, vai se construindo/constituindo como professor. Juntando fragmentos de sua identidade com aqueles que o cercam e sob a influencia do ambiente, que no âmbito do PIBID configura-se em um ambiente fértil e construtivo na maior parte do tempo.

Dentre as possibilidades e ações oferecidas pelo PIBID de Artes Visuais UNESC, os acadêmicos que atuaram na Escola Ubaldina Rocha Ghedin, Criciúma/SC, destacaria a oportunidade de participar de uma atividade envolvendo o teatro de marionetes intitulado **“Frederica, a galinha do pé azul”**(2015) . Foi uma apresentação baseada no livro infantil homônimo da autora e artista Maria Cininha, que conta a historia de Frederica, uma galinha que possui uma de suas patas na cor azul, e procura a todo momento deixa-la amarela como a outra pata, pois ela mesma não se aceita como diferente dos demais e é também estimulada por familiares a rejeitar a si mesma.

Imagem/painel 6: estudantes na apresentação da Galinha do Pé Azul.



Fonte: Arquivo dos pesquisadores.

Mas é quando Frederica tem contato com uma professora de Artes que lhe mostra que a diferença é inerente a todos que a jovem galinha começa a compreender que não é necessário mudar em nada e que poderia ser feliz do jeito que era, afirmando assim sua identidade. A história chama a atenção para o fato de que a sociedade costuma consagrar determinados padrões em detrimento de outros, e é preciso estar atento para poder pensar fora do discurso dos escolhidos, ou campeões, não só para dar dignidade àqueles que estão fora deste círculo, mas para que nós mesmos, se estivermos na mesma posição, não nos contermos com rótulos sem sentido e preconceituosos. Ou como é dito nas Diretrizes Curriculares da Educação Básica:

Trata-se, portanto, de compreender como as identidades e as diferenças são construídas e que mecanismos e instituições estão implicados na construção das identidades, determinando a valorização de uns e o desprestígio de outros. É nesse contexto que emerge a defesa de uma educação multicultural. (DIRETRIZES CURRICULARES DA EDUCAÇÃO BÁSICA, 2010, p.105)

Dentro desta intenção de afirmar identidades, a apresentação feita na Associação de pais e amigos de excepcionais – APAE, de Nova Veneza, Santa Catarina, reforça ainda mais o caráter inclusivo do projeto. Outras apresentações já haviam sido feitas, porém nesta em especial chamou a atenção o papel que a arte pode exercer no aprendizado de portadores de necessidades especiais.

Imagem 7: pibidianas em apresentação da Galinha do Pé Azul.



Fonte: Prof^a Carla Fabiana.

Em circunstâncias em que é necessário transgredir barreiras cognitivas, é aberto espaço para as possibilidades que o lúdico traz, se utilizando da arte como um caminho para tocar a sensibilidade estética destes indivíduos e, assim, possibilitar que estes tenham acesso a um conhecimento que lhes mostrará que são tão valiosos quanto qualquer um. A recepção por parte dos estudantes da APAE foi significativa, o que além de tornar a atividade gratificante para quem a aplicou, mostra que incertezas podem ser superadas por caminhos ditados pela arte. Muito proveitosa foi também a participação dos alunos do Ensino Fundamental da Escola Ubaldina Rocha Ghedin, pois proporcionou aos estudantes uma atividade além das paredes da sala de aula, aliando a empolgação natural de um passeio escolar ao conhecimento de diferentes realidades, o que contribui na noção de tolerância com relação ao que não é habitual, ou, neste caso, em relação àqueles que aparentemente estão fora do grupo.

O ato do ensino é permeado de incertezas. Especificamente no ensino da Arte, a incerteza se torna maior. Primeiramente, nos dias de hoje, a presença da Arte no Ensino Médio ainda é questionada, alegando-se que é dispensável em relação a outras áreas do conhecimento. Geralmente uma justificativa é que ela seria um obstáculo na obtenção de conhecimentos ligados à área técnica, voltada para o campo profissional. Vale lembrar que a criatividade, campo amplamente explorado na Arte e nas aprendizagens das artes, é um dos fatores que fomentam a criação, agregam valor e injetam competitividade na indústria.

O processo de criação das personagens/marionetes valeu-se de materiais diferenciados e reaproveitados que foram reunidos. A produção envolveu o grupo de acadêmicos de iniciação à docência do PIBID de Artes Visuais UNESC, três professores supervisores e as duas coordenadoras do subprojeto. Entre retalhos de tecidos multicoloridos, botões, linhas,

agulhas, porongos, tintas e pincéis – verdadeira diversidade de materiais e técnicas – galinhas com cores, detalhes e personalidades próprias foram compondo o elenco. Paralelamente um grupo de pibidianos(as) passou a ensaiar a adaptação do livro e apropriar-se da história e da sua mensagem/conteúdo central acerca das singularidades e do que podemos ter/compartilhar com os outros nas diversas esferas de relações, no reconhecimento do(s) outro(s) enquanto possibilidade de relação.

3. CONCLUSÃO OU INCERTOS APONTAMENTOS...

Talvez justamente pela incerteza de como será o resultado final, o ensino da arte permita mais experimentações e exija mais sensibilidade daquele que o aplica, sendo então necessário estar aberto ao que está por vir e aceitá-lo de bom grado, transformando acertos e vieses em experiências concretas que ainda assim estarão submetidas ao crivo do novo, do inesperado. Abraçar o incerto é uma ideia em que a trigésima segunda bienal de São Paulo se baseia para enfrentar questões ambientais e políticas e da qual podemos nos apropriar. Nas palavras de Volz:

A arte sempre jogou com o desconhecido. Historicamente, ela tem insistido em um vocabulário que expresse o mistério e a incerteza. Informações se perdem, e a dúvida persiste, mas a arte pode moderar tais paradoxos criando novos sistemas, escalas e normas, apresentando padrões e medidas alternativos. Ela enfatiza a incapacidade dos meios existentes para descrever o sistema do qual somos parte, pois aponta para a desordem desse sistema. Acima de tudo, pode fazer isso porque une, naturalmente, o pensar ao fazer, a reflexão à ação. (VOLZ, 2016, p.8)

Destacaria que a maior contribuição que o Pibid traz para a experiência acadêmica é fornecer um panorama dos desafios e das possibilidades inerentes à docência. Um “percurso sem mapa” em que o acadêmico apesar de ter quem o ajude e oriente deverá trilhá-lo por si só, vivenciando as incertezas, construindo e constituindo-se, aguçando seus sentidos enquanto professor. E a permanente diversidade expressa na **Galinha do Pé Azul**, uma fábula contemporânea na qual um tema essencial e relevante é apresentado ao público, transcendendo faixas-etárias, proclamando que ser diferente é normal e todos são especiais. E a caminhada é singular, única e melhor quando compartilhada.

REFERÊNCIAS

FUSARI, M. F. de R; FERRAZ, M. H. C. de T. **Metodologia do ensino da arte**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 1993.

CININHA, Maria. **Frederica a galinha do pé azul**. São Paulo: Editora Cosmos, 2015.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica**. Brasília, 2013.

MONTANDON, Maria Isabel. **Políticas públicas para a formação de professores no Brasil: os programas Pibid e Prodocência**. REVISTA DA ABEM v.20 n.28 pág. 47-60, Londrina: 2012.

SANTA CATARINA. Governo do Estado. Secretaria de Estado da Educação. **Proposta curricular de Santa Catarina: formação integral na Educação Básica**. 2014.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade: Uma introdução as teorias do currículo**. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

SOUZA, Rodrigo Matos de. Rizoma Deleuze-Guattariano: Representação, conceito e algumas aproximações com a educação. **Revista Sul-americana de Filosofia e Educação - Resafe**, Brasília, v. 18, n. 18, p.234-259, out. 2012. Disponível em: <<http://periodicos.unb.br/ojs248/index.php/resafe/index>>. Acesso em: 24 jun. 2019.

VOLZ, Jochen. **Incerteza Viva** (material pedagógico da 32ª bienal de artes). 2016.